

CULTURA POPULAR NA ESCOLA: BREVE REFLEXÃO SOBRE O NORDESTE BRASILEIRO

Renato Collyer Monteiro de Barros

Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense

O presente trabalho propõe uma breve reflexão acerca da construção de saberes, nas escolas e na sociedade, em relação ao “Nordeste Brasileiro”. É base para esse estudo a pesquisa de Durval Muniz, escritor de “A Invenção do Nordeste e Outras Artes”. O autor faz uma crítica das abordagens nas salas de aula sobre a cultura popular nordestina que, a partir de uma visão cristalizada e estereotipada, difundida pela indústria cultural, mantém viva a ideia de Nordeste atrasado e vítima da seca, conforme reproduzido por anos nas mídias e nas escolas. O Nordeste atual não representa essa visão. Muniz (2012) descreve a história da região, considerando suas bases culturais e sociais diversificadas. Apresenta o Nordeste contemporâneo e a formação da sua identidade no imaginário coletivo. Faz uma análise cautelosa de uma região marginalizada pelos donos do poder que distorceram a imagem nordestina usando traços da cultura regional para garantir sua hegemonia política no início do século XX. A proposta deste trabalho é fazer uma breve aproximação de algumas ideias do pesquisador e a identificação de prováveis efeitos dessa visão distorcida nas práticas educativas. Busca-se, com um olhar crítico, compreender a cultura popular nordestina contemporânea e sua penetração no espaço escolar, considerando, sua riqueza e diversidade, seja na literatura, culinária e artes em geral.

Palavras-chave: Educação, Construção de Saberes, Nordeste.

Introdução

A partir da percepção de como o ensino nas escolas deve apresentar um panorama significativo da nossa realidade, colocando-se de forma questionadora, este trabalho propõe algumas reflexões sobre a visão de educadores e alunos quando fazem referência ao Nordeste, e à cultura popular dessa região. Na intenção de levá-los à compreensão da dinâmica de construção das riquezas diversas e das suas culturalidades – tendo em vista que o Nordeste ainda é pensado como a “Região da Seca”, subdesenvolvida, com as limitações naturais que o recorte espacial proporciona – esta proposta busca explorar o potencial que a construção de saberes condizentes com a realidade nos permite realizar, pois o Nordeste é muito mais diverso e fértil.

A base teórica desse estudo é o trabalho do pesquisador Durval Muniz, autor do livro “A Invenção do Nordeste e Outras Artes”. Apresenta uma crítica à visão de Nordeste, como “Região Problema”, limitada e superficial, conforme é abordado nas salas de aula e no que se pode perceber do entendimento geral da sociedade, no seu senso comum, amplamente disseminado pelos meios de comunicação. Criou-se a imagem rotulada como “Região da Seca”, “Região da Pobreza Absoluta”, convergindo para um recorte de um espaço de miséria generalizada.

Outro elemento importante percebido pelo autor na formação do Nordeste é a imagem de uma região de cultura própria, homogeneizada pela fusão entre o negro, o índio e o europeu, produzindo uma cultura peculiar, artesanal e folclórica, fazendo parecer que tudo se cristalizou numa atmosfera de “tradição e saudade”, segundo Muniz (2012), remetendo-se ao passado rural da região. Mas a região nordestina é bem mais diversa do que é percebida além das suas características, principalmente em observações mais atuais, com o próprio desenvolvimento

industrial, econômico, e todos os reflexos que esta perspectiva vem a trazer. Porém, esta realidade está longe de ser representativa na nossa atualidade.

Em seu livro, Muniz (2012) desvela como se formou o que hoje compreendemos do Nordeste brasileiro. Coloca a região como uma produção imagético-discursiva criada na sua história. Considerando as artes e a história social, ele analisa a raiz da região como uma invenção recente da nossa história moderna, com características reacionárias, numa resistência ao processo de descentralização das lideranças regionais, ante a tomada político-econômica que a região sul estabelecia no cenário nacional. O autor tem uma visão crítica à construção do Nordeste moderno, alertando para a indiferença da formação histórica da região. Questiona também todo e qualquer discurso individualista e parcial, elucidando o que conhecemos hoje como região nordestina e de como isso foi construído ao longo do tempo como um recorte imaginário do nosso país num período de existência tão recente, composto de ambientes estereotipados e personagens míticos, numa atmosfera de figuras socialmente reconhecidas que permeiam pela região e formaram a própria ideia do Nordeste.

Segundo Durval (1994), “o nordeste é uma formação de limites regionais muito recentes para ter qualquer tradição”. E diante de tanta diversidade cultural e produções artísticas valorosas que emergiram durante o século passado, ainda vemos hoje a imagem do “Nordeste Sofrido”, o “Nordeste da Seca”, do Cangaco, do Beato e do Coronel, com suas peculiaridades rurais, curvando-se ao regionalismo de uma terra fundada na “Saudade e na Tradição” aos olhos do restante do país. Dessa forma, o pesquisador faz uma reflexão do perfil que a região tem assumido ao longo dos tempos, como uma “Paisagem Imaginária” surgida no final da primeira década do século passado para substituir a divisão anterior do país entre as regiões Norte e Sul, com o objetivo de reforçar a posição de domínio das elites da região nordeste recém-esculpida, diante das disputas do espaço político-econômico que as lideranças conservadoras travavam com o Sul do país.

O trabalho do professor Muniz merece a devida atenção por ser um instrumento de análise cautelosa de uma região marginalizada pelos donos do poder, as elites conservadoras. Estas buscaram distorcer a imagem nordestina, usando a produção cultural da própria região: as artes, a literatura e o folclore. Assim reforçou as características nordestinas, como autênticas, aos olhos de todos. Assim reproduzia também a ideia de um espaço eternamente carente de estrutura e investimentos, ditando o ritmo da região e o domínio dessas lideranças, garantindo a manutenção da hegemonia política das lideranças agrárias que disputavam o poder com a região do sul do país.

Esse caminho contribuiu para o distanciamento progressivo do Nordeste em relação ao restante do país, pois as elites da época optaram pela ideia de atraso e miséria, acreditando que qualquer progresso e modernização trariam também mudanças sociais e políticas, o que não era interessante para essas lideranças. Sendo assim, a produção cultural e artística que surgia nesse espaço de tempo, que tinham intelectuais e pensadores como Ariano Suassuna e Gilberto Freyre como principais difusores dessa cultura regional, que calcavam em sua produção artística essas características, e que acabavam por reproduzi-las, nos meios de comunicação, na produção do senso comum na sociedade, e também nos processos educativos e nos espaços escolares, reverberando uma distorção não condizente com a realidade nordestina, fazendo entender “um outro Nordeste”, inventado, que já não representa mais o Nordeste real. Segundo afirma Muniz (2012):

“o Nordeste é uma produção imagético-discursivo formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente, em relação a uma dada área do país. E é tal a consistência desta formulação discursiva e imagética que dificulta, até hoje, a produção de um nova configuração de ‘verdades’ sobre este espaço” (2009, p.49).

Diante desta ótica que se estabeleceu sobre a região Nordeste, observam-se as reproduções dessas informações tratadas anteriormente nos espaços escolares e no âmbito educacional geral,

durante o processo de formação discente, contendo um olhar distópico e irreal, com informações cristalizadas trazidas sobre a cultura nordestina, e suas representações ao nosso país, fora da própria realidade da região, e promovendo uma construção de conhecimento não condizente com o que a região representa realmente, na visão contemporânea da sociedade.

E dessa forma, este trabalho inicial busca propor uma ressignificação do que é o Nordeste hoje, com uma proposta de reflexão crítica dentro do espaço escolar, em relação à cultura popular que esta região se apropria e mostra-se muita mais rica e diversa que os limites do senso comum nos proporciona. Dentro da literatura, da culinária, das artes populares, no englobamento de toda a cultura popular nordestina, se faz necessário redescobrir de fato este espaço à luz da contemporaneidade e introduzi-lo nos espaços escolares, propondo um novo fazer pedagógico com um olhar crítico e atual, na possibilidade de uma ressignificação não somente da construção de saberes, mas também da reconstrução do espaço educacional, no que tange a cultura popular nordestina.

Metodologia

Pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, problematizando possíveis consequências da visão distorcida para formação discente a respeito da cultura popular nordestina, reconhecendo em relação ao conteúdo proposto nas escolas e também nas propostas pedagógicas, e demais veículos de construção de saberes.

Resultados

Esse trabalho é o início de uma proposta de reflexão a respeito da necessidade de formulação de propostas curriculares reais e condizentes com a atualidade dentro do recorte da cultura popular nordestina, de forma a ressignificar o Nordeste real diante do Nordeste inventado destacando a forma de abordagem crítica quando do estudo da Região, bem como o uso de materiais didáticos e espaços educacionais.

A melhoria do sistema educacional tramita pela valorização do professor e pela qualidade do trabalho didático, pois, enquanto profissional, ele deve buscar atualização, sendo crítico nas suas reflexões e abordando conteúdos atualizados, o que possibilita a ressignificação dos conceitos dentro do conteúdo que se pretende ensinar com a expectativa de que seja possível uma prática pedagógica mais próxima da cultura popular nordestina contemporânea.

Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **O engenheiro anti-moderno: a invenção do Nordeste e outras artes**. 1994. 500f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

_____. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez. 2012, 5ª

ANDRADE, Manoel C. de. **A Terra e o homem no nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1993, 3ª ed.

_____. **A seca: realidade e mito**. Recife: Asa, 1985. (coleção Nordeste em evidência).

_____. **O caso do nordeste brasileiro**. Recife: Asa, 1985. (coleção Nordeste em evidência)

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. **Nordeste, nordestes: que nordestes?** Recife: FUNDAP UNESP, 1991.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CORTELLA, Mario Sergio. **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. 14ªed. São Paulo: Cortez, 2011.

DICKMANN, Ivo. **Contribuições do pensamento pedagógico de Paulo Freire para a educação socioambiental a partir da Obra Pedagogia da Autonomia**. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 1995.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a Educação - Diversidade, Descolonização e Redes**. Vozes, 2012